



# Perola



JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—\* Assignaturas \*—

Semestre . . . . .	250 reis
Com estampilha . . . . .	300 reis
Avulso . . . . .	30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar	

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcelos, suc.  
Rua de St. Noronha, 51—PORTO

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello

DIRECTOR Charadístico—Manoel B. Silva

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia



## O Anniversario da "Perola"

**F**AZ hoje precisamente um anno que surgiu na arena da imprensa vareira o apreciavel jornal litterario a «Perola».

Embora á primeira vista pareça a commemoração d'este anniversario, um facto secundario, de somenos importancia, tem elle effectivamente um alto valor significativo.

Não é tarefa muito facil o dar á luz da publicidade um jornal, e tr-lhe prolongando a vida desafogadamente.

E' preciso que esse jornal se imponha pelo valor do conte do litterario e artistico dos seus escriptos, e pela sensatez das suas ideas.

Estes indispensaveis requisitos encontram-se na «Perola».

Senão vejamos.

O meio onde este jornal nasceu é illustrado, sustentava já quatro jornaes politicos e no entretanto a «Perola» é recebida carinhosamente por todos, apesar de não trazer o cabeçalho sublinhado com qualquer titulo politico.

Porque este acolhimento tão affectuoso?

Porque a «Perola» possui a seriedade e o valor litterario sufficientes para ser acatada por todos, e assim derrubar os fortes obstaculos que sempre se antepeem á existencia d'um jornal.

Tambem não lhe tem faltado uma habil direcção.

Tem tido indubitavelmente um trabalho intelligente e aturado, o corpo redactorial da «Perola» e assim nos dias destinados á sua publicação ella não falla, sendo lida com interesse e enthusiasmo.

Quizeram ha pouco proporcionar-nos um alegre passatempo, iniciando um concurso de belleza.

Alvorçou-se o bello sexo de Ovar, o Jornal era esperado com anciedade, lido soffregamente a vêr quem seria a rainha de belleza, mas faltou-lhe o indispensavel apoio dos que tinham obrigação de lh'o prestar e a redacção deixada só na liça, viu-se forçada, e com grande magua, á abandonar o que de tão boa vontade tinha encetado.

Mas não deixem os briosos rapazes a quem está confiada a direcção da «Perola», de seguir a mesma orientação que até aqui têm seguido, pois que assim removerão todos os estorvos que se lhe depararem e o jornal que hoje completa apenas um anno, será um dia grande, um heroico defensor dos interesses d'Ovar.

Acceitem, pois, rapazes um cordeal abraço do vosso amigo que deseja á «Perola» uma longa, desafogada e venturosa vida.

Ovar, 29-1-910.

JULIO.



3-2-910

Completa hoje um anno este interessante jornal que a ninguem encommoda, mas sim encanta e enthusiasma pela forma e singularidade dos seus interessantes artigos.

E' novo o jornal, porisso jovial e querido como o é a mocidade.

Jamais rapazes novos poderiam ter ideia mais sympathica e digna de elogio, como a que tiveram perfilhando a *Perola*.

Conscios de que a melhor forma de bem passar o tempo é applical-o em alguma obra meritória ou desenvolvendo o espirito; ei-los alegres e promptos para a lucta, não receando a opinião publica: e porque? por que tinham a certeza que os colaboradores com que ella foi iniciada lhe dariam filtros de perpetua ventura terrena. Assim foi; hoje não conta algumas d'essas *penas brilhantes* que lhe deram o ser, mas caminha... caminha sempre, sob outras de fino estylo e sob a direcção da douta redacção que tem sido incansavel para que os seus creditos não desmereçam.

Que nos resta pois?

Abençoa-o hoje, dia do seu anniversario, cobri-o de flores e agourar-lhe um ridente e prospero futuro.

Ovar, xxx-i-mcmx.

De Parma.

### NO 1.º ANNIVERSARIO DA «PEROLA»

Não posso deixar despercebida a data do primeiro anniversario d'este jornal, sem manifestar aos seus estimados proprietarios e colaboradores a alegria que me causa tal facto.

Não avaliam, certamente, a maior parte dos seus leitores, a quantidade de sacrificios, trabalhos e desgostos que causa a publicação de um periodico nas condições da «Perola». Só quem convive de perto com a imprensa e se interessa pelos progressos de um jornal, pode calcular a enorme boa-vontade energia e paciencia que é necessaria, os obstaculos com que é preciso luctar e as contrariedades que se teve de vencer, para o conservar e fazer progredir, sem se importarem com criticas injustas, intrigas malevolas ou accusações iniquas. Nunca, porém, intrigas ou accusações os attingem, se seguirem sempre no caminho que com tanta boa-vontade encetaram e que com tanta altivez e verdade tem trilhado. Perante as minhas modestas, mas sinceras palavras, resaltam nitidos os factos. E eu não preciso de os estar a lembrar, pois elles ahi estão bem

visiveis e com elles o resultado dos seus esforços e intelligencia, que tão nobremente puzeram ao serviço da imprensa.

Do que tem sido, ha um anno para cá, a vida d'este jornal, fallam bem alto os seus nobres actos, o interesse que tem tomado na defeza da linda terra que o viu nascer e os momentos agradaveis que tem proporcionado aos seus leitores.

Certo, pois, de que continuarão com a mesma tenacidade, orientação sensata e guiados pela divisa que traçaram na missão a que se propuzeram dar toda a energia e todo o talento da sua alma juvenil, cordealmente os felicito e desejo que nunca desanimem e sigam sempre unidos no caminho encetado, certos de que cumprem o seu dever e proporcionam aos seus leitores o maior prazer.

28-1-910. E. de Sousa.

### UM ANNO DEPOIS...

A mocidade é uma estrella scintillante cujo brilho depressa se offusca.

As illusões douradas, os sonhos chimericos que n'essa quadra ridente da vida nos illumina a alma, nos fazem palpar o coração e nos incendiam o cerebro, são passageiros e transitorios como os fugazes e fulgurantes meteoros.

Aos vinte annos—n'essa idade utopista e visionaria, em que a imaginação se perde a cada passo nas regiões ethereas do Sonho—idealizamos paraísos, imaginamos gosos e venturas que fogem e desaparecem como o fumo que em longos espiraes se eleva das chaminés alvas de neve perdidas ao longe por entre os ramos despidos de folhas.

A mocidade é ephemera como a vida das flores!

Uma rosa cheia de viço e frescura que n'uma d'essas manhãs tibias e paradisiacas da primavera floresce n'um elegante canteiro, como que envaidecida da sua belleza, em breve murcha e em breve se desfaz se o vento mais forte a arranca do seu pedestal, ou se a mão nivea e delicada da linda jardineira, de olhos pretos como a noite e scintillantes como estrelas, se lembra de a cortar para com ella perfumar o seio alvo como uma pomba branca de arminho.

Então as petalas avelludadas, que ainda ha pouco conservavam o viço da juventude, em breve perdem o perfume inebriante, murcham e morrem estioladas apesar do contacto doce e meigo.

Eu conheço, porém, uma flor que desabrochou ha um anno e que tem resistido a todas

as intempéries do tempo, uma flor cujas folhas conservam ainda o viço e a frescura dos primeiros dias, cujas petalas permanecem ainda puras e rescendentes!...

Essa flôr é a *Perola*, o elegante jornalsinho que completa hoje um anno de existencia sem que o macule a minima mancha, sem que o pollua o mais leve labeo, pois tem sempre trilhado o caminho da probidade e da honra.

Ovar-Fevereiro-910.

Luciano d'Araujo.

### O ANNIVERSARIO

#### DA «PEROLA»

Com a publicação do proximo numero completa um anno de existencia *A Perola*, diz-nos hoje n'um postal uma pessoa que temos a subida honra de conhecer e que muito presamos.

Ao lermos tal noticia ficamos immenso satisfeitos porque o anniversario de certos entes é sempre motivo de regosijo e de alegria não só para quem lhes deu o ser, mas tambem para quem com elles convivem.

Ora, nós, desde que este pequeno, mas elegante e apreciavel ente, que na pia baptismal recebeu o nome de *A Perola* viu a luz da publicidade, sempre o temos acompanhado, sempre com elle temos convivido, apezar de ser hoje a segunda vez que a elle me apresento; sendo por isso a nossa alegria intensa.

Mas infelizmente a par d'esta nossa alegria uma profunda magua nos acompanha, motivada, pelo facto de não podermos satisfazer, como desejaríamos, ao pedido que a mesma pessoa que se nos dirigiu, teve a honra de nos fazer.

Pedia-nos um artigo sobre o anniversario da *Perola*, porque a empreza resolvera publicar n'esse numero, sómente artigos commemorativos d'esse facto.

Escrever sobre o anniversario de um jornal.

Mas o que poderemos nós dizer da vida de um jornal se nem abrimos ainda as paginas d'esse grande livro—*que é a luz de hoje e o sol de sempre—A Imprensa?*

O que poderemos pois dizer de uma coisa que não conhecemos? Nada.

Em vista, pois, do nosso nullo conhecimento sobre tal assumpto, limitar-nos-hemos somente em enviar á empreza e a todo o corpo redactorial da *Perola* as nossas mais sinceras e cordeaes felicitações pelo seu primeiro anniversario, e desejando-lhe longos annos de existencia.—Portalegre, 27-1-910.

J. da C.

Vão julgar talvez, os meus queridos leitores, que vou referir-me a algumas d'essas perolas maravilhosas de incontestavel valôr, que encimavam outr'ora, os bastões feitos de galhos de coral, que usavam nos tempos mythologicos os Deuses marinhas?

D'essas perolas divinas, tam puras, tam transcendentales que se algum mortal as olhasse ficaria para todo o sempre deslumbrado!?!

D'essas perolas luminosas, com que as Nymphas, servas da deusa Calypto, lhe ornavam o divino collo e entreteciam nos formosos cabellos côr do Sol!?!

D'essas perolas immaculadas, que a formosa Deusa espargia com sua mão immortal, serena, docemente risonha, aos pés do esquivo Ulysses!?

Não, mil vezes não.

E' d'essa outra *Perola* d'essa *Perola* que para mim é muito mais preciosa, d'essa pequenina *Perola* que quinzenalmente me vem visitar, trazendo-me sorrisos, flores, perfumes que me inebriam a alma e me encantam nos breves instantes em que a fito.

Que adoravel visita!

Como a espero sempre anciosa, a ella, a essa *Perola* tam pequenina, mas tam cheia de scintillações, tam suave, tam adoravel quando lhe encontro gravados os nomes gentis de Parma, Noemia, Marcello, João Madria, Oscar d'Alvazil e tantos outros que agora não posso recordar.

Sim, é a essa *Perola* preciosa que devemos acolher com o maior carinho e aos seus directores sempre attentos, d'uma amabilidade nunca desmentida que devemos erguer um *hurrah* vibrante de enthusiasmo pelo seu dedicado esforço durante o anno que ora finda.

*Hurrah!* pela *Perola*.

*Hurrah!* pelos seus directores!

Porto, 30-1-1910.

Orchidea.

### UMA CARTA

Aos Redactores da «Perola»

Completa hoje um anno de existencia o vosso modesto jornal!

Em Portugal, paiz do Fado e das Romarias, da Politica e da Intriga, bem triste é dizê-lo, poucas são as publicações literarias que conseguem adquirir uma vida mais ou menos longa, uma existencia mais ou menos duradoura.

(A meu sobrinho Rodrigo M. Pinto Leite)

Não é para a Arte que esta nossa fracção, descendente de poetas e viajeros, se sente mais inclinada. Aos homens d'hoje interessa-os mais a leitura dos periodicos em que, por uma prosa irritante, pelo insulto e pela difamação, se digladiam correligionarios e contrarios.

Inutil me parece demonstralo. Isto é de todos os dias, de todos os instantes.

Vós o sabeis tão bem como eu.

Vem a proposito contar-vos o seguinte:

Dias antes das ferias do Natal, um condiscipulo meu, que, segundo consta, se propõe adquirir uma certa celebridade, (!?) perguntou-me se tinha alguma coisa que lhe emprestasse para ler em ferias.

—Tenho, lhe disse eu.

—O quê?

—Garrett, Herculano, Eça, Thomaz Ribeiro, Camillo, Julio Dantas, Guerra Junqueiro...

—E que mais?

—Jorge Ohnet, Manpassant, Eugenio Sue, Catulle Mendés, Sterne, Emile Richebourg, Paulo de Kock...

—Basta, basta! Parece-me que estou servido, não é verdade?

—Enganas-te.

—Porquê? Não m'os emprestas?

—Não os tenho. Sei que existem porque já os li.

Compreendeu-me. E digo que me compreendeu porque, até hoje, ainda não me tornou a fallar em livros.

E, como este, quantos ha por ahi, por este nosso Portugal, paiz do Fado e das Romarias, da Politica e da Intriga?

Creio que seria difficil, impossivel mesmo, ennumera-los.

E eis aqui a razão porque eu me admiro de que o vosso modesto jornal tenha conseguido celebrar o seu anniversario.

Felicita-vos pois o vosso.

Fernandes d'Almeida.

## SALVÊ "PEROLA"

Faz hoje, precisamente, um anno que, pela vez primeira sahio á luz da publicidade, sob a designação de *A Perola*, este lindo jornalsinho.

Pugnando sempre, com entranhado affecto, pelos interesses do concelho; caminhando, altivamente, no trilho da verdadeira independencia, ha conquistado a sympathia de todos os ovarenses.

Com uma collaboração esmerada, obedecendo sempre a todas as regras de boa educação e civilidade tornando-se, no gene-

ro, o primeiro do districto e é por isso que o vemos entrar no seio de todas as familias que o recebem com carinhoso affecto.

Felicitando a illustre redacção, faço votos pelo progresso d'*A Perola* e por que continue sempre no caminho encetado.

Estarreja.

Arnaldo Duarte Silva.

## A UMA ROSA

(A ti)

O teu perfume, minha flôr querida, inebria-me a alma e faz-me estremecer de amor!

As tuas finissimas petalas, tão vaporosas, tão brilhantes, d'um matiz tão ideal, prendem-me e fascinam-me. Orgulhosa de tuas graças conservas-te altiva, minha linda rosa, parecendo lançar sobre quem te adora um simples olhar de compaixão!

Pareces dizer na tua muda linguagem de flôr caprichosa — adora-me, que eu sou a rainha das flôres, quem é mais formosa que eu? Quem tem mais brilho, mais encanto?

E queres saber, pobre louco, porque te amo, porque perante ti me extasio? Porque aspiro o teu perfume tremendo de amor? Porque beijo com carinho as tuas petalas?

Porque viestes d'elle.

D'elle, sabes? D'elle que eu amo com paixão frenetica e imorredoura.

D'elle por quem daria a vida a sorrir, para lhe poupar um desgosto, um infortunio.

Porque em seu peito fosse collocada para me seres offerecida.

No amor com que te olho na ternura em que te envolvi, não és tu, minha pobre rosa, é elle e só elle a quem eu acarinho e beijo com todos os affectos que a minha alma encerra.

Porto, 910.

Orchidea.

## VAZ PASSOS

### ESTRELLA CADENTE

(Versos dos vinte annos)

Traçar o perfil d'um sonhador, d'um inspirado, d'um poeta não cabe nas forças d'um prosador obscuro. Nem mesmo tento fazel'lo. Apenas registro as gratas impressões, que me deixou a leitura da sua ultima produção, a que o seu author judiciosamente deu o titulo de «Estrella Cadente» porque em ver-

dade, brilha com luz propria. Em linguagem animada, apaixonada e viva dos vinte annos, deslisa versos encantadores, de uma cadencia suavissima e de perfeita harmonia na successão dos accents e das consonancias.

Vinte annos!... Epocha em que todas as esperanças tem o azul dos ceos, em que todas as aves gorgeiam melodias, em que todas as florestas murmuram canções, em que todas as fontes marulham affectos, em que todas as flores recendem perfumes, e em que todas as mariposas adejam amores!

Um punhado de sonetos com a disciplina que a arte rege nas composições, é o seu maior primor litterario. Em cada quarteto ha a refulgencia d'uma ideia nobre, em cada terceto a esperança d'um anhelado bem.

Vaz Passos, author d'esse livro, que por gentileza d'uma sua admiradora e tambem outra distincta poetiza me veio parar ás mãos, pertence a essa pleiade, a essa constellação de novos, que veem, no amanhecer d'amanhã, a sociedade transformando n'um Eden de venturas.

Chora as desgraças humanas, como Catão a derrota de Pompeo; ama a liberdade com o amor intenso de Titio Livio, inspira-se como Virgilio, nos misterios da poesia campestre, e, por vezes arrouba-se em enthusiasmos juvenis, dos vinte annos, como Horacio se eleva na eloquencia das suas odes.

E' um estudioso, dotado de comprehensão facil e de phantasia prompta. Conhece bem a grammatica da poetica e possui o genio do poeta.

Estou convencido de que o nome de Vaz Passos, joven e esperançoso vate, deve honrar no futuro a galeria de tantos sonhadores illustres que immortalisaram a patria, que lhes serviu de berço.

A'vante!

Porto.

Noemia.

## Supplicio

AO JOSÉ BRAGANÇA

Dos teus labios mimosos nunca um beijo Forte e nervoso, demorado e quente, Ou ligeiro e subtil, como um adejo, Senti poisar na minha bocca ardente.

Jamais buscamos o feliz ensejo De nos beijarmos louca e fortemente Entretanto, que intermino desejo, A ti e a mim abrazará a mente!

Sempre em ancias d'esse bem supremo, Mas ao chegar o instante de gosarmos Fujo de ti... foges de mim e eu tremo...

Fitamo-nos, olhamo-nos nervosos, E partimos sem nunca nos beijarmos. Sempre fugindo e sempre desejosos.

Do livro *Estrella Cadente* de Vaz Passos.

Minha lyra solta um canto Cheio de mimo e d'encanto, Perenne de melodia; Erguei-vos na haste, flôres Que brilhem mais vossas côres Em tão fausto e alegre dia.

Entoae hoje mais cêdo, Rouxinoes, no arvoredor As vossas canções d'amor; E que os rios, na corrente, Deslisem mais brandamente Entre os rosaes em flôr.

Que a zagala mais formosa Erga a voz melodiosa Entoando hoje as canções: Que o sol seja mais brilhante Em dia tão radiante, Que avassala os corações.

Tudo inspira hoje alegria; Tudo é bello n'este dia De grata recordação. E eu, ao sobrinho querido, Da familia estremecido, Ergo alegre saudação.

Porto.

Orchidea.

## SÓ UM MILAGRE!

Alberto morre, e morre sem remedio.

A's muitas perguntas que lhe faziam, sobre o estado do doente o medico assistente respondia sempre com um gesto de desconfiança, e as velhas comadres, que conheciam todos os remedios cazeiros que davam cura a muitos males, só para aquelle não conheciam nenhum:...

Viram tambem um sabio, de cujo dom divino se esperava a salvação d'essa vida juvenil, que se extinguia pouco a pouco como a lampada sem azeite, e esse sabio ao ser interrogado sobre a saude do jovem enfermo, ergueu os olhos ao ceu dando a entender que só poderiam ter esperanças n'um milagre...

Alberto morre, e morre sem remedio...

II

A noticia d'esta desgraça correu pela aldeia, e em todos os lares houve um sincero e profundo sentimento, porque n'esta aldeia todos vivem como uma só familia, e todos compartilham das alegrias e dores.

Alberto era um moço tão lindo e elegante! Era sempre apresentado como um modello, aquelles que, esqueciam os seus deveres para que trilhassem o caminho do bem. As moças ca-

sadoiras sonhavam com elle mais d'uma vez ao ouvirem nos seus humildes mas castos leitos, o passo da ronda que alegra as ruas desertas antes que o gallo com o seu có-có-ró-có annuncie os mysterios da meia noite...

Pobre rapaz! Que fatalidade o condemnou? Aonde adquiriu esse mal que nenhum medico pode atalhar nem combater?

D'onde lhe viria esse mal?

A sua pobre mãe, com esse instincto seguro que alenta a doçura maternal pôde averiguar'o. Viu que aquella alegria de seu filho, a unica joia do lugar, muito tempo entrestecido pela morte do pae, ia-se apagando pouco a pouco até que deixou de lhe brilhar nos olhos!

Alberto sempre contente, animoso e forte para o trabalho, sempre de posse d'essa esperanza que se alimenta na idade juvenil, converteu-se, insensivelmente, em um velho.

Estava triste, pronunciava poucas palavras, e já não tinha gosto pelo trabalho.

Nos dias de festa ficava em casa, e furtava-se ao convívio dos seus amigos e parentes.

Veio a febre que lhe consumiu as carnes e esgotou as forças, que pôz no seu doce olhar o estranho fogo do delirio, começando então o seu intranquillo somno, vendo visões sombrias e angustiosas... sim... O seu Alberto estava enamorado!

III

Enamorado! E quem era essa peccadora que assim desprezava o mais gentil de todos os moços, que havia de ser o melhor dos maridos? A infeliz mãe examinando a lista das moças da aldeia, não viu nenhuma digna d'aquelle thesouro desprezado, nem tão pouco encontrou uma só que se sentisse orgulhosa com o amor do seu filho.

Meu filho ama, mas a quem?

IV

Uma noite, enfim, Alberto fez-lhe as suas confidencias....

A moça não era d'aquelle povo, mas sim d'outro vizinho. Conheceu-a n'um dia de festa.

De todas as vezes que Alberto lhe pedia o seu amor ella respondia com uma formal negativa.

Aquillo era impossivel! Oh! sim!... aquillo não tinha remedio...!

E a mãe muito angustiada tambem assim o comprehendia, e com uma infinita tristeza repetia essa palavra fatal «impossivel!» E como o sabio, dirigiu os olhos ao ceu e exclamou: Meu Dens! Fazei brotar um pouco d'amor no peito d'aquella ingrata!

Será esse o milagre que salva o meu infeliz filho!

Vamos! Então Alberto?

Animo, e verás como dentro em pouco estarás bom... melhor que nunca! Anda! Come este caldo, e não te deixes assim vencer pelo amor!

Alberto obedece-lhe, sorri tristemente, quer apoderar se de aquellas palavras de consolo mas, o seu pensamento está longe d'alli e não pode... não pode!... detel-o...

A pobre mãe procura occultar a sua emoção, e mira-o com uma ternura infinita.

Chora silenciosamente, com esse pranto interior que é o mais abrazador e o que mais consome...

Chora ante a inexoravel lei do amor, que arranca os filhos dos braços maternos; umas vezes para os conduzir á felicidade, e outras á desgraça!

Chora, porque não pode vencer o impossivel!

Chora enfim, ao comprehender, que o amor, assim como dá a vida, tambem dá a morte!

Porto, 29-1-1910.

Tilia.

SECÇÃO CHARADISTICA

Correio sem sel'o

Visto nenhum dos leitores da *Perola* querer entreter-se com as charadas enviando as decifrações, e não tendo graça nenhuma um jornal publicar uma «secção charadistica» e esta ver-se *deser-*

*ta* de decifradores, previne os amaveis productores de charadas, que a *Perola* vae terminar com essa secção, ou eu deixar de a dirigir com o que, aliás, nada perdem.

Devem concordar, que é uma insipidez, ter a *Perola*, a honra de contar tantos leitores e intelligentes, e nenhum concorrer!

Desgraçadamente, até quando se offerece premio!!!

Não havendo pelo menos quatro decifradores, tenho de tomar esta resolução, o que de veras sinto.

A vida d'esta secção depende do gosto dos senhores productores.

Até ao proximo numero espero as suas ordens.

DECIFRAÇÕES DO N.º 26

1. Mil-em-rama.

1 (a) Sardachata, 2 margari-da, 3 Bregosa, 4 Insueto, 5 Lusiadas, 6 carceus, 7 Infula, 8 Hazna, 9 Obsecração, 10 Quebra esquinas, 11 mã-male, 12 acre acreo, 13 capanga-caga, 14 Toro-roto, 15 Obi-Ibo, 16 Pretexto-Pretexto, 17 Dabo-Daba, 18 A modestia é uma vontade sublime, 19 Immemoravelmente.

EM PHRASE

1. Quer um titulo de mandarim? Compre-o com a moeda aziatica.—2—1.

2. Planta medicinal e a diversão fazem o casamento.—2—2.

K. Lunga.

3. Ao dar uma volta encontrei um ociozo e um vagabundo.—2—2.

Joteba.

4. A vogal é grande, quando sentida com verdadeiro affecto.—1—1.

5. Este arbusto e a viscera glandulosa pertencem ao homem de Gôa.—2—1.

Orchidea.

6. A arma de Hercules está no armario e pertencia ao que trativa das contas das communi-dades.—2—2.

7. Apesar de extincto vae correndo e não admite replica.—3—2.

Barbas de Bagaço.

8. O homem e a mulher ficaram prisioneiros na cidade estrangeira.—1—3.

M. Cristovam.

9. A mulher é accusada de roubar n'esta villa um peixe.—1—2.

Odereza.

ELASTICAS

10. Este rio banha uma cidade da Irlanda.—2.

Freidank.

(Retribuindo ao collega João da Cidade)

11. E' um sabio o mestre.—2.

Joteba.

PARONYMAS

12. No fim da dansa houve desordem.—2.

Freidank.

BIFORME

(A' distincta collega Orchidia)

13. Em nós existe um attractivo.—2.

Judith.

INVERTIDA POR LETRAS

(Retribuindo e agradecendo ao collega Julio Agreste)

14. Não sou tão perverso como o meu collega me julga, porque ainda tenho a bondade de lhe offerecer um brinquedo que trouxe da cidade turca.—2.

Judith.

TYPOGRAPHICO

(A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Orchidia)

15. M×O Lucta nota

Sertor.

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

PORTO

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



A PEROLA

Jornal litterario — Quinzenal

Anno 2.º — Sexta-feira, 4 de Fevereiro de 1910 — N.º (29)-27

Sr.